

Palestra do Guia Pathwork® n° 206
Palestra Não Editada
15 de dezembro de 1972

DESEJO – CRIATIVO OU DESTRUTIVO

Saudações e bênçãos para todos vocês, queridíssimos amigos aqui presentes. Para aprofundar-se no eu e finalmente descobrir a essência do seu ser, seu centro divino, é necessário, como vocês sabem, atravessar todas as camadas e níveis que separam vocês desse centro. Os equívocos, as falsas imagens, as negatividades, as ilusões, os fingimentos, as defesas, os sentimentos não experimentados e portanto até então não assimilados, os pensamentos confusos – tudo isso junto forma, poderíamos dizer, uma crosta espessa. Essa crosta espessa é, sem dúvida, a parte mais difícil de penetrar na jornada para o núcleo interior.

Essa crosta espessa possui muitas camadas, muitos aspectos dos quais vocês precisam tomar conhecimento, que precisam aprender a abordar e aceitar da maneira certa. Depois que essa crosta é penetrada e vocês entram em contato com todas as suas camadas, vocês precisam assimilar e começar a dissolver aos poucos os bloqueios acumulados. Quando vocês aprendem a adotar a abordagem e a atitude certas e importantíssimas em relação a esses aspectos que preferiam não conhecer, vocês descobrem outros níveis e camadas do seu ser que continuam separando vocês do núcleo divino interior. Ou, para dizer de outra forma, outras tarefas estão aguardando por vocês para que o auto-conhecimento seja completo, o que é uma condição prévia indispensável para a unificação com o núcleo divino central. Uma dessas tarefas é a clara percepção e ligação com o que costumo designar movimentos da alma. Vocês também podem usar a denominação correntes de energia dos seus sentimentos e atitudes – as positivas e também as negativas.

Toda atitude, toda expressão, todo sentimento gera um movimento de energia no seu sistema; gera um movimento específico da alma. Já falei sobre isso muito tempo atrás, e agora vou voltar ao tema de uma maneira mais específica. Vamos discutir o movimento de energia de querer, aspirar, desejar – seu significado, sua importância na expressão total da personalidade humana, e sua importância em termos do processo de autocriação.

A auto consciência – independentemente de ser relativo aos problemas e confusões interiores, aos defeitos e negatividades, ou ao despertar da voz divina interior, sempre presente – exige a arte da focalização interior. Esta focalização precisa ser praticada a fim de detectar a presença dos movimentos da alma, para poder ser conhecido o que se sente e se pensa verdadeiramente num determinado momento e quais são os movimentos da alma que criam aqueles sentimentos e pensamentos. Naturalmente, essa focalização requer alguma capacidade de concentração, o que não é muito difícil de se adquirir.

Todo “agora” é uma expressão dentro de vocês e gera um movimento específico da alma. Observem esses movimentos em vocês. Vocês sentem um aperto? O movimento é totalmente bloqueado e sustado por esse aperto? Ou sua expressão está ausente? É algo pontudo, áspero, desarmonico e bruto? É um fluxo uniforme, animador, suave? Quando vocês se sentem bem, felizes, abertos e vivos, os movimentos da alma são necessariamente muito uniformes e suaves, porém essa suavidade contém uma enorme força. Quando o movimento é interrompido, vocês se sentem mortos. Quando o movimento é doloroso, bruto, anguloso ou pontudo, vocês se sentem ansiosos, perturbados, apreensivos. Nem é preciso dizer que todo movimento é resultado de sentimentos, pensamentos e atitudes específicos, nos quais vocês também precisam focar a atenção.

Vamos tratar agora especificamente dos movimentos da alma de querer ou aspirar ou desejar. Tudo que tem expressão humana pode ser em harmonia com as forças universais e as leis da criação. Pode ser saudável, verdadeiro, e portanto criativo, dando origem a novas criações. Ou pode ser distorcido, doentio, derrotista, e assim provocar mais destruição. A coisa em si nunca é certa ou errada, boa ou má, desejável ou indesejável. Tudo depende do modo como é expressa.

Assim, não se pode afirmar sempre que a presença de desejos é um entrave à espiritualidade. A filosofia oriental fala da “ausência de desejos” como um estado necessário. Isso só é parcialmente verdadeiro. Não é verdadeiro no sentido de que, se o desejo está ausente, é impossível criar. Vocês criam ao visualizar um novo estado de ser. Para tanto, o desejo precisa existir. Agora, depende totalmente da maneira como vocês expressam esse desejo. Se o desejo for muito forte, muito tenso, se ele tiver origem em uma concepção equivocada que implica uma espécie de “é imprescindível”, de fato o desejo deixou de ser um desejo e passou a ser uma exigência, uma ameaça, uma corrente compulsiva. “Preciso ter, caso contrário vou morrer, vou sofrer de maneira injusta e insuportável, vou receber um tratamento injusto”, indica uma ameaça que de fato contém uma mensagem à vida no sentido de que, se ela não produzir o resultado exigido, ela é má e injusta, o que a pessoa em questão passa a provar, por meio dos resultados melancólicos que ela está prestes a criar. Dificilmente se pode dizer que isso é um desejo, mas esse sentimento frequentemente aparece travestido como desejo.

O desejo positivo, real, como eu disse, é uma condição prévia do processo de autocriação. Se, por exemplo, vocês não desejaram um estado novo e mais amoroso de ser, não haverá motivação para atingi-lo, não haverá incentivo para superar a resistência que, muitas vezes, parece ser incontornável; não há nem mesmo uma impressão visual da existência ou da possibilidade de tal estado. Para criar um novo estado de personalidade, os movimentos da alma precisam fluir. Assim como o vento, eles transportam a semente criativa.

Poderíamos dizer também que o desejo é o projeto que passamos a executar. Para diferenciar entre a espécie criativa e destrutiva da corrente do desejo, é muito importante entender o que eu disse anteriormente. É fácil verificar, em vocês mesmos e até nos outros, se o desejo flui sem o “é imprescindível” ou se contém esse aspecto compulsivo. Com o desejo se dá o mesmo que acontece com muitas outras verdades espirituais: partimos de um aparente paradoxo. Para desejar da maneira certa, o desejo precisa ser tão descontraído que não precisa ser satisfeito. Se vocês conseguirem desejar com força, mas sem nenhum vestígio de “precisar”, pensando “posso passar sem isso, posso sofrer essa dor sem ser aniquilado, destruído, sem ficar infeliz”, nesse caso o poder do desejo é de fato ilimitado. A força da energia assim liberada, devido à ausência de medo, à ausência de manipula-

ção nos níveis mais sutis, é enorme. O desejo de vocês precisa ser também, por assim dizer, a ausência de desejo.

Pois bem, como isso é possível? Como vocês podem chegar a um estado no qual querem algo mas julgam que também podem abrir mão prontamente da coisa desejada? Como vocês podem desejar profundamente, ansiar por alguma coisa, e no entanto aceitar a dor da insatisfação? Isso parece uma exigência demasiada, meus amigos. Contudo, toda evolução da alma humana dirige-se inexoravelmente para esse estado. Essa necessidade já está evidente no nível mais exterior da crosta mencionada anteriormente, onde residem todas as negatividades. Uma das principais razões de sua existência é a negação da dor. O mal resiste ao que existe e assim se separa de si mesmo, fragmentando para sempre a consciência e a energia em partículas “menores” ou mais limitadas. A maneira de voltar a reuni-las é o grande ato de aceitação ou não resistência da maneira certa. Esse ato exige um caminho metódico, com ajuda em todos os passos. Pois é fácil desviar-se por causa de distorções e concepções erradas da verdade de muitas maneiras e em muitas áreas.

Se vocês têm medo da dor e seus derivados, como a frustração, a decepção, a rejeição, e acreditam que esses sentimentos não devem ser experimentados, existe um desejo demasiadamente forte de não sentir dor, ou uma negação demasiadamente forte da dor. Instala-se em vocês uma corrente do “é preciso”, ou seja: “é preciso que eu tenha isso” (ausência de dor), “é preciso que eu não tenha isso” (dor). Essas exigências são bloqueios à criatividade. Elas prejudicam a satisfação que é o seu objetivo primordial. Essa contração, esse dizer “não” a alguma coisa – seja o que for no universo – esse “não” falso, tenso, gera um movimento de alma áspero e contraído, um movimento cheio de arestas agudas e cortantes, anguloso e doloroso.

Tanto o querer como o não querer podem ser harmoniosos e suaves, ou desarmoniosos, tensos, pontudos. Seria um erro interpretar a aceitação de todos os sentimentos e experiências como se vocês não devessem rejeitar determinadas experiências ou atos que as pessoas praticam contra vocês. Quero deixar isso claro. Se, por exemplo, vocês fizerem questão de não sentir dor, ficarão tão desligados e tensos que nem mesmo vão reconhecer, e muito menos saber lidar com a negatividade dos outros e enxergar quando os joguinhos encenados por eles acabarão por fazer mal a vocês. A própria dor que isso causa faz com que vocês não a enxerguem; assim, reagem cegamente. Vocês não conseguem nem sentir a verdadeira dor nem enfrentar o ofensor. Inversamente, se vocês não temerem a dor, saberão se defender e não permitir que os outros sejam falsos, destrutivos, desonestos e evasivos, com seus subterfúgios e jogos. Vocês não temem o confronto quando conseguem sentir a dor. Vocês são assertivos quando o seu orgulho permite que estejam errados e conseguem sentir a dor que isso provoca. Portanto, meus amigos, vocês vêem que não é verdade que a aceitação da dor implica masoquismo, fraqueza que leva ao sacrifício e submissão – muito pelo contrário. A verdadeira força resistente e a autoafirmação destemida dependem da capacidade de aceitar o que existe e lidar com isso sem querer transformá-lo em algo diferente.

A convicção de que é preciso que a dor e a decepção não existam gera um movimento de “não” de caráter muito acentuado. O “não” nesse caso não é uma força decidida, harmoniosa e firme que nasce da verdadeira dignidade e amor próprio. É uma pseudoforça que provém da fraqueza em insistir em fazer prevalecer a sua vontade. “É imprescindível que eu tenha tal coisa, é imprescindível que eu não tenha outra coisa.”

Se vocês puderem passar a adotar o ponto de vista de que vocês não podem ser submetidos a nenhuma experiência que não sejam capazes de aguentar, e, se quiserem, vão perder uma boa dose da rigidez e abrir espaço para o movimento criativo. Isso vai eliminar grande parte do medo. No momento em que tomarem essa decisão, a experiência que vocês estiverem atravessando já vai assumir um aspecto diferente. No próprio ato de dizer “não”, rigidamente, fragilmente, em lugar de um não saudável, uma contração impede a receptividade criativa. Da mesma forma, também o “sim” cobiçoso, insistente, rígido impede a receptividade criativa. Portanto, tanto o sim como o não podem ser saudáveis ou doentios, desejáveis ou indesejáveis, bons ou maus. Desejar e querer, assim, são determinados pela atitude que está por trás, que por sua vez determina a natureza das correntes da alma.

A receptividade criativa nasce de um movimento suave, descontraído, fluente. A dor de absorver algo indesejado, se for necessário, proporciona a vocês a possibilidade de transcender esse “ponto sombrio” e encontrar a luz “por trás” dele, por assim dizer. A dor de aceitar a falta de algo desejado proporciona a vocês a possibilidade de transcender esse vazio e encontrar a plenitude oculta “por trás” dele. Essa é a lei da vida. Somente então vocês colocam em marcha o movimento criativo. No entanto, é preciso ter o cuidado de aceitar e/ou renunciar com espírito de confiança. Fazê-lo com amargura e desesperança não é a maneira como deve ser. Nesse caso, o movimento áspero da alma pode não aparecer na superfície, como ocorre quando existe uma corrente forte, que empurra e força, mas ele está lá, oculto por trás da aceitação superficial.

Parece que tudo depende da maneira como vocês reagem à dor, seja a dor de experimentar algo ou experimentar sua falta. Vocês conseguem confiar na dor como confiam no resto do universo, como se supõe que o universo deva merecer confiança? Se vocês não confiarem na dor, não confiarão no universo, pois não podem separar nenhuma experiência individual do restante da criação.

Portanto, o movimento precisa passar a ser aberto e ameno – tanto o movimento do sim como o do não. Mesmo se for firme, pode ser ameno. Pode ser uma expressão da confiança ou do medo de vocês. Pode ser uma expressão do seu amor, ou pode ser uma expressão do seu egoísmo. Tudo isso determina a natureza do movimento, a natureza do seu desejo, da maneira como encaram a experiência dolorosa, o que pronta e diretamente determina a receptividade criativa, o desejo positivo – não o desejo cobiçoso, distorcido, não uma rejeição temerosa do padrão da vida.

Nas meditações que agora talvez vocês venham a fazer com mais frequência à medida que se desenvolverem, voltem-se para dentro para detectar a natureza dos movimentos da sua alma. Verifiquem o que eles significam, que sentimento, atitude, padrão de pensamento, que tipo de desejo eles efetivamente expressam. Essa é uma nova dimensão acrescentada ao contato de vocês com a pessoa interior. Vocês ficarão mais hábeis no reconhecimento desses movimentos da alma e, depois de algum tempo, esse reconhecimento não exigirá esforço e será muito natural, sem foco e concentração propositados. Essa nova ênfase não significa de maneira alguma que vocês tenham superado suas negatividades. Mas muitos de vocês já estão bastante conscientes delas para poderem acrescentar essa faceta ao trabalho de autoconhecimento. As próprias negatividades que ainda não foram dissipadas serão vistas sob uma nova luz e em outra expressão dinâmica.

Considerem, por exemplo, a natureza do seu desejo com relação às resistências e problemas que ainda existem. Qual a força e a firmeza do desejo? Ele flui suavemente, ou é uma corrente tensa,

bruta? Nesse caso, o que isso significa? O que essa forma de manifestar um desejo, sob outros aspectos louvável, está escondendo? Ou o desejo é visivelmente fraco, ou até inexistente? Vocês conseguem sentir em seu íntimo um movimento desse desejo? Que impressão ele dá? Se o movimento for certo, sempre existe confiança e convicção de que ele se transformará em realidade, mesmo que não seja imediatamente. Se existe uma área da sua vida em que um desejo forte ainda não se concretizou, a despeito de fervorosas tentativas de sua parte, investiguem o grau de rigidez da corrente. A própria rigidez pode conter uma importante pista que vocês precisam conhecer e eliminar para permitir a satisfação do desejo. Ou a rigidez da corrente também pode refletir a sua falta de confiança no processo criativo universal do qual vocês fazem parte. Nesse caso, vocês precisam lidar com essa atitude e verificar o significado que está por trás dela.

Para levar até o fim esse importante trabalho, para conseguir sintonizar-se com os movimentos interiores, vocês precisam cultivar a capacidade de concentração. Isso não é difícil como alguns de vocês podem imaginar. Basta ter um pouco de boa vontade e fazer exercícios alguns minutos por dia. Ao longo desses anos, já ensinei exercícios de concentração várias vezes.

Agora eu gostaria de discutir um aspecto que tem relação com esse tópico, embora à primeira vista possa parecer que não. Faz parte da maneira como vocês estabelecem um estado de criatividade receptiva e desejo positivo. Quero recomendar enfaticamente uma nova maneira de lidar com a negatividade, depois de expressá-la e depois de vocês aprenderem a assumir responsabilidade por elas. Vejo que em alguns de vocês, meus amigos, principalmente agora que muitos têm mais oportunidade de ficarem juntos por períodos maiores (no Centro), ainda existe muita vontade de manifestar as coisas ostensivamente. Isso não precisa acontecer e deve ser francamente desestimulado. Não há necessidade alguma disso. Não agir assim não significa recair na repressão e na negação. Noto que com frequência vocês admitem e simultaneamente, com orgulho, manifestam concretamente o aspecto em questão, tudo sob o pretexto de que a manifestação é concomitante à admissão. Vocês não percebem que essa manifestação é tão contrária à responsabilidade por si mesmos como a negação pura e simples? Todos vocês já estão prontos para assumir a responsabilidade, admitir sua des- trutividade, sua mesquinhez, etc., e optar pela ação correta.

A humanidade como um todo está tão impregnada de negação e manifestação, projeção e atribuição de culpa aos outros que às vezes parece que é uma façanha irrealizável uma pessoa simplesmente admitir e não manifestar um determinado aspecto. Isso requer prece interior, compromisso com a verdade, boa vontade para deixar que Deus indique a vocês as ações e lhes dê o conhecimento antes mesmo de surgir o sentimento.

Vocês continuam a acreditar que precisam de um bode expiatório, porque ainda têm medo demais de se verem por inteiro. Vocês ainda se sentem ameaçados pelo que poderão ver. Em última análise, esse medo é sempre injustificado, por mais difícil que possa ser, a princípio, desfazer-se de uma ilusão muito acalentada sobre o eu. Não importa o quanto sejam feios os traços seus que aos poucos vão transparecendo, à medida que vocês permitem que isso aconteça, pois essa nunca é toda a verdade. É inevitável que, ao verem objetivamente a feiura do pequeno eu temporário, vocês fiquem desanimados em relação à personalidade como um todo. É inevitável que, por fim, vocês se tornem receptivos ao eu belo e eterno, desde que se empenhem totalmente em ver e aceitar as duas coisas: o bom e o ruim, o belo e o feio, o divino e o mau. Se quiserem assumir os dois aspectos, vocês os descobrirão e entenderão que o bom é o real e eterno, enquanto o ruim não passa de uma

aberração temporária e não é o eu final. Vocês precisam tomar a decisão de assumir tudo que são, para o que der e vier, signifique o que for. Vocês precisam pedir orientação para isso, adotando uma atitude construtiva e realista que deixa espaço para muitas possibilidades e jamais nega a vida. Se vocês pedirem, receberão. Virá de dentro.

Comecem a enfocar tanto o feio como o belo. Vejam que o próprio fato de vocês assumirem o feio decorre do belo. Pois apenas a infiltração divina do eu faz com que ele seja capaz de querer a honestidade e a verdade, ter a coragem para agir assim, empreender a maravilhosa jornada pelo mundo interior e aprender as muitas lições difíceis. Esse ato já é digno do maior respeito por si mesmo, respeito que vocês poderão ter quando deixarem de projetar o inaceitável nos outros ou usar a feiura dos outros para ocultar a sua própria.

É nesse sentido que sugiro que vocês ajudem uns aos outros. Quando vocês sentirem uma forte tentação de jogar alguma coisa na cara dos outros, perguntem a si mesmos: “O que é feio em mim, e o que é feio no outro?” E depois, “O que é bonito em mim, e o que é bonito no outro?” Mas façam isso sinceramente. Deixem as perguntas em aberto e esperem pelas respostas até terem um grau de receptividade suficiente para que elas se revelem. Não façam essas perguntas da boca para fora, quando o que de fato querem é condenar os outros e a si mesmos e sentir um prazer negativo nessa condenação. Se é nesse ponto que vocês estão, é isso que vocês precisam assumir. Vocês precisam admitir que não querem ver o que há de bom no outro ou em si mesmos. Ser adequado não substitui a sensação de se sentir adequado, como vocês sabem!

Mas se vocês puderem abrir caminho nos meandros da crosta até o ponto em que conseguem realmente querer conhecer os dois lados (de vocês e dos outros), em pouco tempo vão constatar que o princípio de união começa a desenvolver-se em seu íntimo. Vocês vão descobrir o que já conhecem em teoria, mas ainda não conseguem colocar em prática, como fica evidente nas suas manifestações do dia-a-dia quando têm um relacionamento negativo com os outros. O que eu vejo acontecer é que, mesmo quando vocês deixam de culpar os outros e isentar a si mesmos, mesmo quando admitem sua negatividade, é comum vocês fazerem isso porque é o que se espera de vocês agora, mas sem a correspondente experiência emocional. Emocionalmente vocês continuam a querer culpar os outros e isentar a si mesmos. Isso significa sempre que, por dentro, vocês atribuem toda a culpa a si mesmos, mas não querem enxergar isso. Vocês não querem reconhecer que se culpam. Quanto mais se culpam, mais ficam presos à culpa, e maior é o esforço para agir assim. Nessa batalha, trata-se sempre de uma situação ou/ou (a outra pessoa ou vocês).

Quando vocês perguntam sobre o bom e o mau em vocês e no outro e abrem o coração para desejar, querer ver tanto o bom como mau em vocês e no outro, vocês de fato experimentam o princípio da união. Vocês vão ver como as negatividades suas e do outro interagem e como ambos têm beleza e bondade, bem como os traços negativos e destrutivos. Isso vai eliminar a raiva que sentem de si mesmos ou dos outros.

Apesar do grande progresso feito de uma maneira tão impressionante, e muitas vezes bastante visível nas diversas manifestações da vida – na mudança da vida interior e exterior, na mudança da personalidade – a colocação para fora, o desejo de culpar, continua existindo com muita força. Vamos aplicar o que eu disse na palestra de hoje sobre o desejo certo ou errado ao tema da atribuição de culpas. Vocês desejam culpar porque não desejam ver a si mesmos. Esse desejo doentio, distorci-

do, contrário à verdade do ser, cria uma constante ameaça de que a vontade falsa, irrealista acabe, mais cedo ou mais tarde, vindo à tona. Portanto, ambos os desejos, que influenciam as correntes da alma, são colocados numa armadura defensiva, protetora. Investiguem a corrente desses desejos. Sintam a corrente. Ao sentirem a corrente da necessidade de culpar, a rigidez, o esforço, visualizem a corrente em atuação em vocês. Deixem que essa experiência da corrente ocorra enquanto vocês observam esse drama – realmente como observadores. Dessa forma, vocês passarão a ter uma intensa percepção do movimento de alma gerado pelo desejo de culpar.

Quando vocês assumirem plena responsabilidade pelo desejo de culpar, abram o coração de uma maneira nova e solta para o desejo de não culpar, para o desejo de ver a verdade em si mesmos e nos outros, sem culpar. Jamais culpem. Ver a verdade não resulta nunca em atribuição de culpa. Quando vocês culpam, jamais estão com a razão, mesmo quando o que vêem é em parte uma verdade. O outro pode de fato fazer tudo aquilo, ter todos aqueles aspectos negativos, mas isso não é toda a verdade, pois se fosse, vocês não culpariam. O mesmo se aplica a vocês. Ver a verdade não significa que vocês ou os outros serão totalmente livres de toda negatividade. Mas entender de fato a negatividade é algo que só pode acontecer quando vocês estão totalmente empenhados em enxergar a verdade a seu próprio respeito. No momento em que vocês verdadeiramente se vêem, desaparece todo sentimento de culpa, autorrejeição e auto acusação. Vocês sabem disso, pois todos já vivenciaram esse milagre. O mesmo se aplica à outra pessoa. A verdade que vocês deixam de ver pode não ser uma coisa assim tão terrível, mas como inconscientemente vocês acreditam que é, não querem correr o risco de enxergar.

Ver a verdade pode despertar raiva, mas nunca atribuição de culpa aos outros – e aqui há uma grande diferença. Vocês precisam saber perceber essa diferença muito especial. Além disso, quando vocês desejam de fato a verdade, podem esperar até que ela se revele. Podem esperar num estado de desejo flexível, numa corrente de espera tranquila – sabendo que a verdade se revelará, como um presente do eu interior. Quando ela vem, a sensação é de ter recebido um presente. É tão reveladora, tão apaziguadora, e liberta vocês sob todos os aspectos. Vocês podem sentir dor, mas essa dor é de natureza muito diferente daquela que provém do espaço contraído dentro de vocês.

Depois disso, o desejo pode possibilitar a visualização e a criação de um novo espaço. Quando falo de desejo e estado de receptividade, que é totalmente isento de qualquer noção de algo “imprescindível”, não estou me referindo a uma expectativa de algo que aconteça de fora para dentro. Estou falando de um processo criativo interior, de subitamente ver a realidade sob uma luz nova e mais clara. Essa luz clara é a graça da verdade e do amor que torna vocês muito livres, e no entanto muito seguros.

Assim, caríssimos amigos, criem um novo desejo desse novo estado interior, no qual vocês renunciam a todos os “imprescindíveis”. É fácil vocês perceberem que essas vontades de algo “imprescindível” é um movimento muito definido em seu íntimo. E essa vontade de algo “imprescindível” sobrepuja o desejo saudável, ocupando seu lugar. Mas eu também poderia dizer que, por um curto período, a vontade de algo “imprescindível”, em alguns casos, pode parecer surtir efeito. Essa é a tentação. No entanto, esses efeitos, além de serem de curta duração, normalmente levam a um desastre, a uma séria decepção cuja origem não pode ser identificada ao certo – e essa é a pior parte.

A capacidade de sintonizar-se com as correntes de desejo da alma – certo e errado, saudável e distorcido, contraído e criativo ou rígido e não criativo – é um aspecto em que vocês precisam se concentrar muito especificamente para poderem alcançar novos estados de consciência e experiência. Quando aprenderem a fazer isso, as recompensas serão como flores que desabrocham em seu interior.

O amor do universo está em todos os poros do seu ser, em todas as células do seu ser. Está em todas as partículas de sua psique. Procurem conhecer e sentir esse fenômeno. Procurem sintonizar-se com isso. À medida que vocês crescem neste caminho, meus queridos, vocês vão aprender cada vez mais a se concentrar e a usar a energia em determinadas direções. Isso será resultado do processo natural de purificação e não será uma tentativa vinda de fora de dirigir a energia vigorosamente no rumo a seguir. Vocês podem se entregar a esse processo natural com todo o seu ser. Prestem atenção nele, tornem-se receptivos a ele. Todos vocês são abençoados e amados.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.